

TRINTA ANOS A FOTOGRAFAR O PATRIMÓNIO AZULEJAR: O CONTRIBUTO DE SANTOS SIMÕES PARA A REDE IBÉRICA DE CIRCULAÇÃO, PROJECÇÃO E ESTUDO NO SÉCULO XX

SUSANA VARELA FLOR

Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

Introdução

«O meu pai adorava Espanha!» Foi com esta frase que Maria João dos Santos Simões Ferreira Real, filha única da figura em análise, iniciou a nossa conversa sobre as ligações que o Eng. João Miguel dos Santos Simões manteve com este país vizinho ao longo de mais de trinta anos, quer pelo estudo da azulejaria e cerâmica, quer pelo estudo da arquitectura renascentista, área que conheceu menos obras publicadas, mas pela qual nutria uma grande paixão.¹

Deve-se a Alfonso Pleguezuelo o primeiro estudo de fôlego sobre Santos Simões em Espanha, publicado no catálogo de comemoração do seu centenário em Julho de 2007 no Museu Nacional do Azulejo, e no qual o especialista espanhol considerou que o primeiro interesse de Santos Simões em Espanha esteve ligado à necessidade de analisar «a velha teoria das supostas origens talaveranas da cerâmica portuguesa».²

¹ Agradeço à Sr^a D. Maria João Santos Simões Ferreira Real e ao Eng. Fernando Ferreira Real a cedência iconográfica para a concretização deste artigo. De igual modo estendo os meus agradecimentos ao Prof. Alfonso Pleguezuelo, Dr.^a Ana Paula Gordo, Dr.^a Ana Álvares, Dr.^a Ana Caldeira, Dr.^a Catarina Figueiredo, Prof. Fernando Gonzalez Moreno, Prof.^a Isabel Marques Dias, Dr. João Castel-Branco Pereira, Prof. José Meco, Prof. Miguel Cabañas Bravo, Dr.^a Maria Antónia Pinto de Matos, Dr. Paulo Henriques, Dr.^a Teresa Peralta, Prof. Vítor Serrão, Prof. Wifredo Rincón Garcia e Pedro Flor.

² PLEGUEZUELO, Alfonso. «Santos Simões e a sua visão da azulejaria espanhola» in *João Miguel dos Santos Simões (1907-1972), Exposição evocativa do centenário do nascimento*, Paulo Henriques (dir.), Lisboa, Ministério da Cultura/Instituto dos Museus e da Conservação, 2007, pp. 49-66.

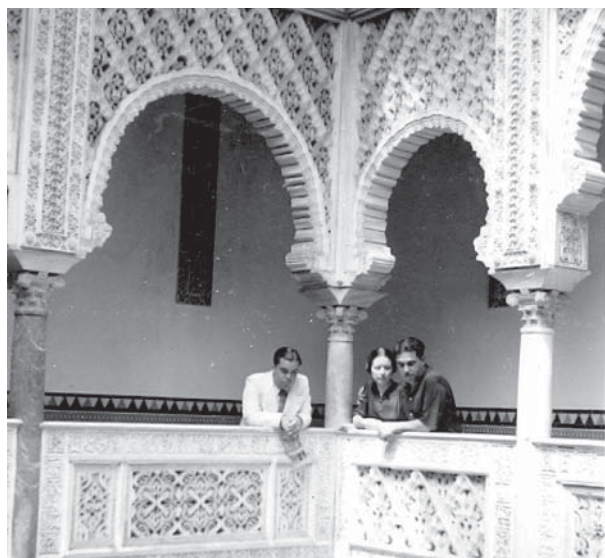


Fig. 1. Santos Simões em Sevilha, final dos anos 30.

© Maria João dos Santos Simões e Fernando Ferreira Real.

Com efeito, o património azulejar espanhol afigurou-se tão importante para as suas investigações que ultrapassará a fronteira Portugal-Espanha mais de uma dezena de vezes entre as décadas de 30 e 60 do século passado (Fig. 1).

Biografia de Santos Simões (1907-1972)

Analisado no contexto peninsular e observando de perto a biografia de Diego Angulo Iñiguez, verificamos que Santos Simões também conheceu bem a Europa entre as duas Guerras Mundiais, seja pelo facto de aí ter estudado, seja pela avidez cultural que o fez visitar as principais cidades europeias.

João Miguel dos Santos Simões nasceu em Lisboa em 1907 no seio de uma família ligada à Indústria, em particular à Têxtil, pois o pai possuía uma fábrica de fiacção na cidade de Tomar razão pela qual em 1926 ingressou no College of Technology em Manchester. Três anos mais tarde, formou-se em Engenharia Têxtil na École Supérieure de Filature et Tissage de Mulhouse. A década de 30 é dedicada à realização de estágios técnicos em fábricas têxteis espalhadas por toda a Europa: Alemanha, Checoslováquia, Inglaterra e em 1938 estagiou nos Estados Unidos. É nesta data que conheceu, em Boston, a Senhora Scoville, casada com um professor de História de Arte na Universidade de Harvard, figura crucial na futura escolha para o estudo da arte da azulejaria.³

Paralelamente à formação profissional de Santos Simões decorreu a educação cultural incentivada, desde pequeno, pelo ambiente inspirador da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da qual o pai —José Rodrigues Simões— era o respectivo tesoureiro. Uma biblioteca apetrechada e o convívio com nomes referenciais no estudo da Arte Portuguesa como sejam D. José Pessanha, Perry Vidal, Afonso de Ornellas, Xavier da Costa, Alberto de Sousa, Matos Sequeira, Frazão de Vasconcelos, Alves Pereira, José Queirós, Garcez Teixeira, Vieira

³ Arquivo da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, ALVES, Manuela; LOBO, Joaquim, «Azulejos: arte aos bocadinhos», in *Jornal Flama*, Lisboa 15 de Maio de 1970.

Guimarães,⁴ constituíram o *habitat* natural para o nascimento de uma personalidade multifacetada, rica em conhecimentos históricos e viva na transversalidade dos saberes.

O ano de 1940 marca o início do estudo sistemático do estudo da azulejaria e dois motivos principais concorrem para este enfoque:

1.º- O desafio que Fernando de Almeida lhe havia feito, pouco tempo antes, para visitar um forno antigo no Alentejo, espoletou o rastilho, segundo Rafael Salinas Calado, uma vez que Santos Simões

entusiasmou-se de tal modo ao verificar que se tratava dum sábio aproveitamento das correntes de ventos dominantes para acelerar a combustão que decidiu dedicar-se ao estudo dos fornos romanos, cartagineses, árabes, medievais e por aí fora, até chegar aos fornos de cerâmica e azulejo.⁵

2.º- O pedido de Mrs Scoville para estudar a azulejaria da Quinta da Bacalhoa, residência que havia adquirido recentemente a conselho de Santos Simões. Terá sido esta a razão pela qual dedicou, em 1969, a obra do Corpus referente ao estudo da azulejaria do século XV e XVI:

Finalmente deseja o autor aqui recordar o nome de Mrs. Orlena Z. Scoville, «Senhora da Bacalhôa», a principal responsável pela sua dedicação aos estudos da Azulejaria.⁶

A partir desse último repto e, segundo Santos Simões em entrevista dada ao Jornal Flama:

Descobri que muito pouco estava escrito comecei então a investigar. Como não era possível estudar o azulejo português isoladamente, investiguei em Marrocos e por quase toda a Europa. Estive, também, no Brasil.⁷

Nesta opção pelo estudo da Azulejaria revelou não ter estado sozinho elegendo como principais Mestres Vergílio Correia,⁸ José Queiroz e Garcez Teixeira que lhe apetrecharam a abordagem à investigação azulejar, seja na sua aplicação arquitectónica (Vergílio Correia); seja na sua análise à Cerâmica (Vergílio Correia, José Queiroz) seja ainda na aproximação à Pintura e a Arte Portuguesa (Garcez Teixeira). Estava assim traçado um percurso multidisciplinar que o levou a estudar a Iconografia, a Heráldica, a Ornamentação e a Arquitectura, pois foi na

⁴ CALADO, Rafael Salinas. «Adendas» in *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990, p. III

⁵ CALADO, 1990, p. III.

⁶ SANTOS SIMÕES, João Miguel dos. *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990, p. 15.

⁷ Fundação Calouste Gulbenkian, Arquivo da Biblioteca de Arte, Arquivo Santos Simões [1958-1972], ALVES y LOBO, 1970.

⁸ Esta ligação a Vergílio Correia é um dado inédito, pois Santos Simões refere-se sempre a José Queiroz. No entanto, através da sua correspondência encontramos várias vezes referência a Vergílio Correia como seu Mestre e devedor dos seus ensinamentos: «Estive no Alentejo e passei rapidamente por Lisboa de onde regresséi ontem. Ao chegar encontrei o seu amabilíssimo postal com as indicações das passagens sobre azulejos que se encontram no vol. I das *Obras* de V. Correia. Já tinha feito a colheita nesse trabalho, que possuo, e mesmo antes já havia visto o que V.C. escrevera no *Diário de Coimbra* cuja colecção possuo também. Ainda em vida de V.C. tivera conversas sobre estes assuntos e tenho mesmo algumas notas que ele me facultou e que estão inéditas»: *Cf.*: Museu Nacional do Azulejo, Arquivo Histórico Santos Simões, Correspondência, PCo011 / 031. Doação de Maria João Santos Simões Ferreira Real e Fernando Ferreira Real, 2007.

ligação a esta arte maior que sempre viu a originalidade da azulejaria portuguesa. Também a influência do arquitecto Fernando Távora não terá sido alheia a esta especificidade com que Santos Simões viu os portugueses aplicar a azulejaria, mas faltava-lhe conhecer o âmago —origens e técnica— e, por isso, em 1944 recusa o convite deste arquitecto para uma palestra na Faculdade de Arquitectura do Porto:

[...] Muito me lisongei o vosso convite, mas em boa verdade julgo-me ainda muito verde para poder —com autoridade— falar sobre azulejos, mormente aos rapazes que amanhã terão de orientar as coisas da Arte. [...] Ainda não comecei propriamente com a parte de investigação documental e muito ha a rebuscar neste campo sobre o qual pretendo basear as conclusões de caracter histórico. Faltam-me também certos conhecimentos da parte puramente técnica cujo conhecimento me é indispensavel e tudo isto levará o seu tempo.⁹

Estes conhecimentos mais técnicos colheu-os primeiramente em Espanha para onde viaja amiúde na década de 40.

A Década de 40 e as ligações a Espanha

Em 1946, esclarece-nos Santos Simões que «durante a guerra, por impossibilidade de ir mais longe, visitei repetidas vezes o País vizinho».¹⁰ Nestas viagens a Sevilha (finais dos anos 30), Salamanca (Verão de 1943); Badajoz (1943, na qual conheceu o seu amigo Arquitecto Francisco Vaca Morales), Madrid, Talavera, Toledo (1944), Olivença e Badajoz (1945) estiveram subjacentes as visitas patrimoniais e museológicas, as pesquisas bibliográficas, os contactos com especialistas e «estágios» de curta duração em Madrid e em Talavera. Alfonso Pleguezuelo já havia abordado esta questão no que diz respeito ao Museu Arqueológico de Madrid orientado por Emílio Camps Cazorla, bem como ao estágio feito no Instituto Valencia de Don Juan de Madrid «sob o olhar vigilante do grande Gomez Moreno» e onde havia estudado azulejaria arcaica e esclarecido muitas dúvidas interpretativas (Fig. 2).¹¹

No entanto, a estas bases mais teóricas foram acrescentadas bases práticas recolhidas em Talavera de la Reina, a cidade onde a produção cerâmica conhecia novo renascimento sob o impulso da família Luna.¹²

O «Estágio» na Fábrica de Juan Ruiz de Luna Rojas (1944)

Desde 1945 que a historiografia portuguesa conhece o facto de Santos Simões ter realizado um curto «estágio» na Fábrica de Nossa Senhora do Prado, pertencente ao pintor decorador e

⁹ Museu Nacional do Azulejo, Arquivo Histórico Santos Simões, Correspondência, PCo008/021. Doação de Maria João Santos Simões Ferreira Real e Fernando Ferreira Real, 2007.

¹⁰ Museu Nacional do Azulejo, Arquivo Histórico Santos Simões, Correspondência, Pasta F, Carta para o Dr. Manuel Monteiro (4 de Julho de 1946). Doação de Maria João Santos Simões Ferreira Real e Fernando Ferreira Real, 2007.

¹¹ PLEGUEZUELO, 2007, p. 56.

¹² Sobre a fábrica de Luíz de Luna consulte-se o catálogo de exposição *El Arte redivivo-I Centenario Fabrica de Ceramica Ruiz de Luna «Nuestra Señora del Prado»*, Talavera de la Reina, Ayuntamiento de Talavera de la Reina, Empresa Pública Don Quijote de la Mancha 2005, 2008. Agradeço ao comissário da exposição —o Prof. Doutor Fernando González Moreno— o envio deste importante catálogo, já esgotado nas principais livrarias on line.



Fig. 2. Fotografia tirada por Santos Simões em Madrid no Instituto Valencia de Don Juan. © Biblioteca de Arte / Fundação Calouste Gulbenkian.

ceramista Juan Ruiz de Luna Rojas (1863-1945), detalhe revelado em obra publicada e também numa carta escrita ao Dr. Manuel Monteiro:

Em Talavera, fui admitido como praticante na fábrica famosa de Ruiz de Luna e ali aprendi o suficiente para ter uma noção prática dos processos técnicos referentes em especial à azulejaria.¹³

As razões da viagem estiveram relacionadas com a investigação em curso referente ao envio do seu artigo «Azulejos Arcaicos em Portugal», a ser apresentado no âmbito do XVIII Congresso da Asociación Española para el Progreso de las Ciencias em Córdoba (1944), bem como a procura de bibliografia específica, nomeadamente a obra *Historia de La Ceramica de Talavera*, de P^e Diodoro Vaca e D. Juan Ruiz de Luna, recomendada pelo Arquitecto Fernando Távora em carta datada de 30 de Outubro de 1943.¹⁴

Uma viagem a Talavera de La Reina impunha-se, não só pelo para estudar o caso particular destes azulejos como para fazer ideia precisa da cerâmica famosa daquele centro alfareiro, muito especialmente no que respeitava à azulejaria do qual havia encontrado em Portugal não poucos testemunhos em espécie e em documentos.¹⁵

¹³ Museu Nacional do Azulejo, Arquivo Histórico Santos Simões, Correspondência, Pasta F, Carta para o Dr. Manuel Monteiro (4 de Julho de 1946). Doação de Maria João Santos Simões Ferreira Real e Fernando Ferreira Real, 2007.

¹⁴ Museu Nacional do Azulejo, Arquivo Histórico Santos Simões, Correspondência, Referência PCo006/117. Doação de Maria João Santos Simões Ferreira Real e Fernando Ferreira Real, 2007.

¹⁵ SANTOS SIMÕES, João Miguel dos. *Os Azulejos do Paço de Vila Viçosa*, 1945.

Com que realidade é que Santos Simões se deparou ao visitar a Fábrica de Nossa Senhora do Prado, em 1944? Sabemos através de novos estudos que esta conhecia uma Direcção muito recente, constituída pelos três filhos de Luna —Juan, Rafael, António, além de Salvador Ruiz de Luna Arroyo—, que se encarregavam, respectivamente, dos contactos com os clientes, da gestão técnica, da conservação do museu e da disseminação da cerâmica produzida na fábrica de seu pai.¹⁶ A guerra Civil havia sido penalizadora para com a instalação fabril, remanescente da antiga fábrica de panos, na Praça do Pão e teve de ser reconstruída, logo em 1937. No entanto, a julgar por uma planta de 1924, essa reconstrução terá seguido, de muito perto, as infraestruturas anteriormente estabelecidas, a saber:

Pilas para el batido y colado de barro, secaderos, depósitos de tierras y cuevas, salas de tornos de alfarero, taller de juguete, salas para los molinos de esmaltes, talleres de decoración, de pintoras, leñeras, depósitos de cobijas, hornos —de lama invertida para esmaltes, de lama indirecta para loza, de azulejos, para calcinar el plomo y de planta cuadrangular para materiales de construcción— salas de ventas, museo [...].¹⁷

Santos Simões visitou todo este complexo mas, curiosamente, foi para o museu de cerâmica que todo o seu destaque incidiu por ter percebido a importância crucial daquele espólio, constituído com peças datadas desde o século XVI, o qual serviu como modelo inspirador para a indústria novecentista talaverana. O investigador português terá beneficiado também da recente obra do P^o Deodoro Vaca para o confronto com as peças *in situ*:

Coincidiu a estadia em Talavera com a aparição do livro publicado por D. Juan Ruiz de Luna Rojas, o velho e bem conhecido industrial ceramista, completando os trabalhos de investigação do Padre Deodoro Vaca Gonzalez, já então falecido. No pequeno, mas recheado museu particular de Ruiz de Luna, e com o auxílio de seu filho, estudei quanto me foi possível o assunto que ali me levava, comparando *in situ* o texto do livro e a documentação publicada.¹⁸

Santos Simões não especificou qual dos filhos de Luna o acompanhou nesta visita ao Museu, mas poderá ter sido António Ruiz de Luna Arroyo, uma vez que esteve à frente do inventário das peças do Museu e possuía toda a sua documentação (Fig. 3).¹⁹ Desta visita terá beneficiado também dos conhecimentos da família Luna que haviam sido colhidos quer na própria fábrica, quer na Sociedade de Instrução e Recreio «O Bosque», na qual se ministravam conhecimentos teóricos e práticos (pastas, torno, moldes, fornos). O conhecimento do colecionismo, bibliografia e azulejaria espanholas servir-lhe-ão para, mais tarde, informar o conserva-

¹⁶ MORENO, Fernando González. «El resurgimiento de la Cerámica talaverana: desafíos, adversidades y éxitos de la fábrica *Nuestra Señora del Prado*» in *El Arte redivivo – I Centenario Fabrica de Ceramica Ruiz de la Luna “Nuestra Señora del Prado”*, Talavera de la Reina, Ayuntamiento de Talavera de la Reina, Empresa Pública Don Quijote de la Mancha 2005, 2008, pp. 23-24.

¹⁷ *El Arte redivivo – I Centenario Fabrica de Ceramica Ruiz de Luna “Nuestra Señora del Prado”*, Talavera de la Reina, Ayuntamiento de Talavera de la Reina, Empresa Pública Don Quijote de la Mancha 2005, 2008, p. 117.

¹⁸ SANTOS SIMÕES, João Miguel dos, *Os Azulejos do Paço de Vila Viçosa, Lisboa*, Fundação da Casa de Bragança, 1945, p. 53.

¹⁹ GÓMEZ, Ángel Sánchez-Cazudo, «El alfar de Ruiz de Luna: artífices y obras de loza» in *El Arte redivivo – I Centenario Fabrica de Ceramica Ruiz de la Luna “Nuestra Señora del Prado”*, Talavera de la Reina, Ayuntamiento de Talavera de la Reina, Empresa Pública Don Quijote de la Mancha 2005, 2008, p. 32.



Fig. 3. Fotografia tirada por Santos Simões em Talavera de la Reina no Museu da Fábrica de Ruiz de Luna, década de 40. © Biblioteca de Arte / Fundação Calouste Gulbenkian.

dor do Museu Boymans de Roterdão sobre a proveniência do painel de azulejos pertencente à colecção Páramo no Castelo de Oropeza, (transformado em Parador) e que havia sido dispersa antes da Guerra Civil Espanhola:

Mr. Ruiz de Luna —well known potter in Talavera whom I have met shortly after the war— was an elderly man and had also a fine collection of tiles as a Museum in his own factory. He also had a few tiles from the Jeronimites and should have known those of the «La Alcoha». For Museum sake I think it wiser to refer to these tile has they are described by Vaca and Ruiz de Luna, adding that they later passed into the Páramo's Oropeza collection.²⁰

O Laboratório de Tomar

Natural consequência das suas aprendizagens técnicas por Espanha (Instituto Valencia Don Juan e Fábrica Ruiz de Luna) parece ter sido a montagem de um pequeno laboratório para exames de pastas e esmaltes, na sua casa de Tomar.²¹ Indagados sobre o assunto, os herdeiros referiram não ter qualquer memória sobre o facto e, lamentavelmente, não subsiste qualquer

²⁰ Museu Nacional do Azulejo, Arquivo Histórico Santos Simões, Correspondência, PCo012/024. Carta a A. Westers, 1959? Doação de Maria João Santos Simões Ferreira Real e Fernando Ferreira Real, 2007.

²¹ «Na minha casa em Tomar, montei um pequeno laboratório para exame de pastas e esmaltes». Museu Nacional do Azulejo, Arquivo Histórico Santos Simões, Correspondência, Pasta C, Carta para o Dr. Manuel Monteiro a 4 de Julho de 1946, citada no catálogo do centenario na p. 321. Doação de Maria João Santos Simões Ferreira Real e Fernando Ferreira Real, 2007.

registo fotográfico que nos pudesse documentar melhor o recurso a tal método de trabalho. No entanto, pela análise das suas palavras publicadas ao longo da obra publicada, apercebemo-nos que se apoiou em métodos laboratoriais e conhecia bibliografia específica.²² Esta ligação aos métodos de análise científica já haviam sido sentidos em 1943 ao analisar um silhar de azulejos pertencente ao Hospital da Misericórdia de Évora sobre o qual refere que «só uma análise minuciosa ou um exame tecnológico e laboratorial nos podem levar a identificar no tempo os exemplares em que se patenteia».²³

Dois anos mais tarde, a propósito dos azulejos do quarto do Rei D. Carlos analisados na sua obra *Os azulejos do Paço de Vila Viçosa*, o autor revela que «a análise da pasta revelou a presença de ferro, o que provoca uma coloração levemente rosada». Nesta época, o método a que Santos Simões recorreu deverá ter sido o da colorimetria, ou por via visual ou por fotocolorimetria, dependendo da sua experiência de engenheiro.²⁴

Em 1969, a título de balanço no que concerne à sua metodologia de trabalho, refere que

Não se desceu à investigação técnica sobre os materiais —barros, esmaltes, vidrados, etc.— a não ser nos casos de dúvidas e principalmente para exemplares arcaicos, quando os processos de fabricação se encontravam em fase evolutiva, e mesmo assim, os métodos de investigação não permitiram o estabelecimento de regras ou leis das quais se possam colher ensinamentos decisivos sobre caracteres essenciais. As análises dos barros, depois que sofreram as operações de fogo, são não só difíceis como, em geral, pouco informativas sobre a natureza ou composições primitivas. Da mesma forma se torna praticamente impossível o doseamento quantitativo dos vários ingredientes —óxidos metálicos, alcalis, silicatos, etc.— que se utilizaram na fabricação do azulejo, depois que no processo de fusão ígnea se originaram novas combinações com composição química-morfológicas especiais.²⁵

Na senda deste «abandono» na metodologia utilizada poder-se-ão invocar também o próprio avanço cronológico do estudo da azulejaria, a transferência de Tomar para Lisboa, em 1956, e a aceleração do ritmo de trabalho com a publicação do Corpus da Azulejaria Portuguesa, obra financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian a partir de 1958, e que o obrigou a seguir, por um lado, uma metodologia mais própria da Inventariação e, por outro, a uma caracterização própria da História da Arte, socorrendo-se do auxílio do estudo da Gravura, Iconografia, Heráldica, Artes Decorativas, entre outras. Ressalve-se, no entanto, a modernidade da metodologia, pois o cruzamento entre os estudos da Azulejaria e as Ciências Laboratoriais têm sido uma das razões pelas quais a Fundação para a Ciência e a Tecnologia tem financiado, na actualidade, projectos de investigação.²⁶

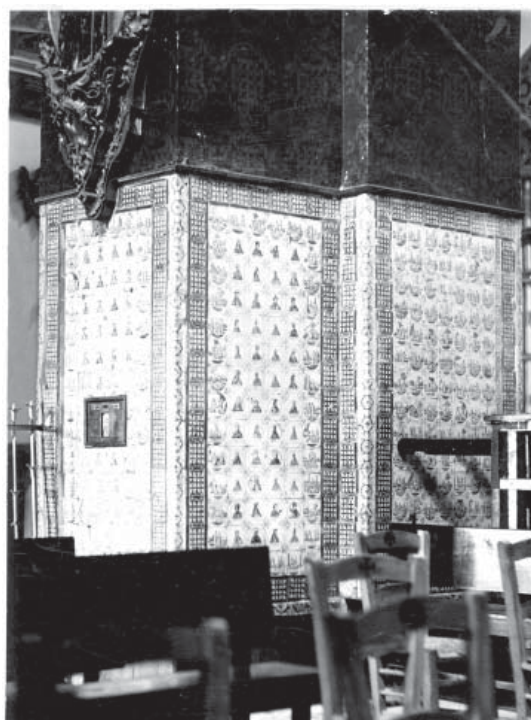
²² Santos Simões cita as obras de MONTEIRO, Severiano Augusto da Fonseca, *Introdução ao estudo das Artes Cerâmicas*, Lisboa, IIICL, 1889; LEPIERRE, Charles, *Estudo Químico e Tecnológico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna*, Lisboa, 1899.

²³ *Cf.*: SANTOS SIMÕES, João Miguel dos, «Alguns Azulejos de Évora» in *A Cidade de Évora*, Évora, 1945, p. 30.

²⁴ Reflectindo sobre a natureza deste laboratório na década de 40, podemos conjecturar que o Eng. Santos Simões o tivesse equipado com reagentes, material corrente de laboratório em vidro, como provetas, pipetas, buretas, etc., papel de filtro e talvez agitador magnético com aquecimento. São equipamentos e consumíveis de laboratório acessíveis a instalar em qualquer local, embora a existência de uma hotte (para puxar ar) fosse importante para o ar não ficar contaminado, mas não imprescindível. Agradeço à Prof.^a Doutora Isabel Marques Dias todo o anterior esclarecimento técnico.

²⁵ *Cf.*: SANTOS SIMÕES, 1990, pp. 17-18.

²⁶ Projectos de investigação financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério da Educação e Ciência): Lisbon in Tiles before 1755 Earthquake (PTDC/EAT-EAT/099160/2008); RADIART - Diagnosis, decontamination and conservation of cultural heritage: neutrons and ionizing radiation in artwork (PTDC/HIS-



Figs. 4 y 5. Fotografias tiradas por Santos Simões em Cádiz (Igreja de Santa Maria, Capela de Jesus de Nazaré), década de 50. © Biblioteca de Arte / Fundação Calouste Gulbenkian.

Carreaux Céramiques Hollandais Au Portugal et en Espagne e a Projecção Internacional do Património Azulejar Português e Espanhol

Data ainda do final da década de 40 o interesse de Santos Simões pelo estudo da azulejaria holandesa e, neste caso específico, poder-se-á falar de um trabalho de verdadeira projecção internacional, não só pelo facto de ter estudado a azulejaria holandesa em território Ibérico, como também ter convencido a Fundação Calouste Gulbenkian a patrocinar uma obra em francês para uma eficaz disseminação.²⁷ A valorização desta obra ainda hoje pode ser sentida, por exemplo, pelo valor atingido nas grandes livrarias de transacção *on line*.

No que diz respeito à azulejaria holandesa existente em Portugal, havia publicado em 1947, *A Casa do Paço da Figueira da Foz e seus Azulejos e Os azulejos Holandeses do Palácio Saldanha*, estudos de fôlego e de posicionamento crítico face à encomenda, iconografia e oficinas do azulejo do norte da Europa.

Em 1949, o XVI Congresso Internacional de História de Arte em Lisboa proporcionou-lhe o encontro com o então Director do Museu de Pintura da província de Cádiz —M. César Pemán— que o informou da existência de azulejaria holandesa na Igreja de Santa Maria (Fig. 4). O conhecimento dos azulejos de Medina Sidónia derivaria, mais tarde, também de informações de outro historiador espanhol, desta feita por Sancho Corbacho, professor na Universidade de Sevilha.²⁸

HEC/101756/2008); ROBBIANA: As Esculturas Della Robbia em Portugal: Estudo histórico, artístico e laboratorial (PTDC/HIS-HEC/116742/2010).

²⁷ Cfr. SANTOS SIMÕES, *Carreaux Céramiques Hollandais au Portugal et en Espagne*, La Haye, Martinus Nijhoff, 1959.

²⁸ SANTOS SIMÕES, 1959, p. 101.



Fig. 6. Santos Simões em Sevilha, final da década 50?
© Maria João dos Santos Simões e Fernando Ferreira Real.

Iniciar-se-á uma década de investigação intensa em «rede triangular», tendo como vértice a Holanda e para a qual se deslocará por períodos reduzidos em 1952, 1958 e 1959. Para Espanha, e com destino a Cádiz, viajará logo em 1949, seguindo-se novas deslocações em 1951 e 1952, mais especificamente à cidade de Sevilha onde comentou com Antón Sancho Corbacho os primeiros resultados desta investigação sobre as relações ibero-holandesas. Nesse mesmo ano, apresentará em Amsterdão, no XVII Congresso Internacional de História da Arte, a comunicação «Azulejos Holandeses em Portugal e em Espanha» (Fig. 5).

Em Espanha, o seu trabalho recebia o reconhecimento da Academia, uma vez que a sua entrada como Académico Correspondente da Academia de Belas Artes de Santa Isabel de Hungria data de 1952. Este facto ter-se-á ficado a dever às suas ligações com Sancho Corbacho como confidenciou a Sánchez-Cantón numa carta de 1957, no qual pedia a publicação do artigo «Frontais de Altar de Azulejo da Mezquita-Catedral de Córdoba» no *Archivo Español de Arte*:

Vão passados cinco anos sobre o nosso encontro em Amsterdam, quando do Congresso de História de Arte [1952] e receio bem que V.Excia. não tenha guardado de mim recordação que resista a tão larga pausa! Atrevo-me portanto a recordar a minha breve actuação nesse Congresso e até o facto de termos sido companheiros de Hotel, juntamente com D. Manuel Gomez Moreno e sua Exma. filha. Fiz, então, uma comunicação sobre «Azulejos Holandeses em Portugal e Espanha» resumo de trabalho volumoso que, logo nessa ocasião, estava em projecto de publicação [...] Recentemente apresentou-se a possibilidade de publicar o meu livro sobre «Azulejos Holandeses em Portugal e Espanha», obra que está a ser preparada sob os auspícios e com o auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian, e acabo de regressar de mais uma viagem a Cadiz e Sevilha onde fui colher novos elementos e fotografias coloridas para o livro.²⁹

²⁹ Museu Nacional do Azulejo, Arquivo Histórico João Miguel dos Santos Simões, Correspondência, Pasta M, Carta escrita a Francisco Javier Sánchez Cantón, Instituto Diego Velásquez – Madrid, (1957?). Doacção de Maria João Santos Simões Ferreira Real e Fernando Ferreira Real, 2007.

No final da carta definia-se como um estudioso lusitano interessado pela Arte Espanhola (Fig. 6). Este interesse seguiu-lo até ao final da vida, pois, em 1971, aquando do I Simpósio Internacional de Azulejaria realizado em Lisboa socorreu-se de todos os seus conhecimentos para que houvesse representatividade espanhola. Data desta época o único contacto estabelecido entre Santos Simões e Diego Angulo, então director do Instituto Valencia de Don Juan que o remeteu para a conservadora Balbina Martinez Caviro.³⁰

Biblioteca DigiTile : Tiles and Ceramics *on line*

Santos Simões faleceu em 1972 deixando a Historiografia Portuguesa com uma vasta obra, durante a qual tornou o azulejo como área de estudo independente da cerâmica (1949), estabeleceu a sua metodologia de análise, caracterizou-a dentro dos parâmetros histórico-artísticos e defendeu-a como marca identitária portuguesa.³¹ Para além da obra publicada, deixou um vasto espólio documental dividido entre o Museu Nacional do Azulejo —do qual foi o seu primeiro conservador entre 1960-1972— e Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2011, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia financiou o projecto —Biblioteca DigiTile: Tiles and Ceramics *on line*— resultando de uma parceria entre o Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

O objectivo foi o de estudar integralmente o arquivo de Santos Simões, à guarda daquela instituição, nomeadamente os textos inéditos que deixou sob forma de manuscrito e que tencionava acrescentar ao Corpus, a saber: «Iconografia Orlisiponense em azulejo», «frontais de altar em azulejo», «registos devocionais em azulejo»; «Azulejos armoriados», «Gramática ornamental de azulejaria portuguesa» e o «Manual de Azulejaria». No presente, o projecto adquiriu o *software* para a criação de uma Biblioteca Digital, na qual se incluirá os textos transcritos e comentados criticamente, bem como a colecção de fotografias tiradas ao serviço da Brigada de Azulejaria.³²

Por estar ciente do peso que a arte azulejar espanhola e respectivo estudo teve na origem das investigações de Santos Simões, convidámos para consultor, Alfonso Pleguezuelo, que tem dado continuidade aos estudos deste português que, na década de 40, iniciou os seus estudos pelo património vizinho.

³⁰ PLEGUEZUELO, Alfonso. «Santos Simões e a sua visão da azulejaria espanhola» in *João Miguel dos Santos Simões (1907-1972), Exposição evocativa do centenário do nascimento*, Paulo Henriques (dir.), Lisboa, Ministério da Cultura/Instituto dos Museus e da Conservação, 2007, p. 59.

³¹ Muito recentemente, a Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões chamou a si a tarefa de redefinir a metodologia usada por Santos Simões na catalogação de azulejaria de padrão do século XVII, trabalho de revisão esse que é sempre necessário para o avanço da História da Arte. Lamenta-se, no entanto, que esta empreitada tenha sido discutida num círculo muito restrito e não representativo da massa crítica nacional e internacional (se nos lembrarmos do exemplo espanhol) de quem estuda azulejaria no país, perdendo-se a oportunidade de um debate abrangente envolvendo investigadores e outras instituições que estão, de igual modo, a inventariar azulejaria de padronagem. Perdeu-se também um dos maiores objectivos da Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica que era o da discussão alargada e do trabalho em rede.

³² CÂMARA, Maria Alexandra Gago da. «A brigada de estudos de azulejaria. A génese de um inventário do azulejo em Portugal», in *João Miguel dos Santos Simões (1907-1972), Exposição evocativa do centenário do nascimento*, Paulo Henriques (dir.), Lisboa, Ministério da Cultura/Instituto dos Museus e da Conservação, 2007, pp. 145-154.

Em Espanha, berço do azulejo decorativo propriamente dito, a bibliografia da especialidade é mais vasta e profunda, mantendo-se permanentemente nos trabalhos de investigação artístico-arqueológica um escol de activos exploradores. Dada a origem comum dos primitivos azulejos ou seus mediatos antecessores, é na bibliografia dos Países vizinhos que há que buscar os ensinamentos basilares para o estudo do azulejo português, e nas obras hoje consideradas clássicas, de Gestoso y Perez e, mais modernamente nas de Gomez Moreno, Gonzalez Martí e Conde de Casal, encontramos a mais vasta rede de informações que auxiliam a compreensão do «processos» evolutivo de cerâmica sumptuária.³³

Numa época em que a historiografia mais recente tende a realçar os erros cometidos por este investigador e esquecer todo o esforço de quem iniciou um projecto de investigação sistemática, lembrar o nome de Santos Simões é simultaneamente um acto de justiça e de respeito pelo património legado pela massa crítica portuguesa do século XX.³⁴

³³ SANTOS SIMÕES, João Miguel dos, «Alguns Azulejos de Évora» in *A Cidade de Évora*, Évora, 1945, p. 6.

³⁴ MECO, José, «E depois de Santos Simões», in *João Miguel dos Santos Simões (1907-1972), Exposição evocativa do centenário do nascimento*, Paulo Henriques (dir.), Lisboa, Ministério da Cultura/Instituto dos Museus e da Conservação, 2007, pp. 23-30. O presente artigo deriva da investigação por nós efectuada no âmbito do projecto de I&D DigiTile Library: Azulejaria e Cerâmica online – PTDC/EAT-EAT/117315/2010.